

**HUMANISMO INUMANO: DESCONSTRUÇÃO RIZOMÁTICA A PARTIR DA
DECOLONIALIDADE PLANETÁRIA - COMPLEXIDADE**

***HUMANISMO INHUMANO: DECONSTRUCCIÓN RIZOMÁTICA DESDE LA
DECOLONIALIDAD PLANETARIA - COMPLEJIDAD***

***INHUMAN HUMANISM: RHIZOMATIC DECONSTRUCTION FROM PLANETARY
DECOLONIALITY - COMPLEXITY***



Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
e-mail: melenamate@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRÍGUEZ, M. E. Humanismo inumano: Desconstrução rizomática a partir da decolonialidade planetária - complexidade. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 12, n. 00, e023002, 2023. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v12i00.17787>



| **Apresentado em:** 10/03/2023
| **Revisões requeridas em:** 22/05/2023
| **Aprovado em:** 15/07/2023
| **Publicado em:** 07/08/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno
Editor Executivo Adjunto: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade do Oriente (UDO), Avenida Universitária, Cumaná – Sucre – Venezuela. Professora-Pesquisadora.
Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 12, n. 00, e023002, 2023. e-ISSN: 2358-4238
DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v12i00.17787>

RESUMO: Resgatamo-nos e reconhecemos o dano criado à terra em que a assumimos como complexus. Como objetivo complexo analisamos o humanismo como inumano em uma desconstrução rizomática na decolonialidade planetária – a complexidade, como um transmétodo. É uma investigação onde a natureza da vida é recuperada. O transmétodo em suas reconstruções e conclusões nos leva à reforma do pensamento do humanismo nefasto, com o mote da pesquisa: Nunca humanistas, sempre planetários decoloniais em des-vinculações e re-vinculações complexas de pensar e agir. Se não houver uma des-vinculação entre humanismo e colonialidade, nunca poderemos religar essências libertadoras. Unimo-nos por exercícios decoloniais complexos planetários em instituições de ensino e comunidades. Somos afligidos pela dor na humanidade, diante de todos somos cristãos, não religiosos, pelo reconhecimento de Jesus Cristo como o filho de Deus que foi crucificado e ressuscitou para que ganhássemos uma vida eterna, com outro corpo em uma nova terra.

PALAVRAS-CHAVE: Humanismo. Inumano. Decolonialidade Planetária. Pensamento complexo. Des-vínculo.

RESUMEN: Nos redimimos y reconocemos el daño creado a la tierra en la asumimos como un complexus. Como objetivo complejo analizamos el humanismo como inhumano en una desconstrucción rizomática en la decolonialidad planetaria – complejidad, como transmétodo. Se trata de una indagación donde se recobra la naturaleza de la vida. El transmétodo en sus reconstrucciones y conclusiones nos lleva a la reforma del pensamiento del nefasto humanismo, con el lema de la pesquisa: Jamás humanistas, siempre decoloniales planetarios en des-ligajes y re-ligajes pensando y accionando complejo. Si no existe des-ligaje del humanismo y colonialidad, jamás podremos re-ligar a esencias liberadoras. Aunamos por ejercicios decoloniales planetario-complejos en las instituciones educativas y comunidades. Nos duele el dolor en la humanidad, ante todos somos cristianos, no religiosos, por reconocimiento de Jesucristo como el hijo de Dios que fue crucificado y resucitó por nosotros para ganarnos una vida eterna, con otro cuerpo en una tierra nueva.

PALABRAS CLAVE: Humanismo. Inhumano. Decolonialidad planetaria. Pensamiento complejo. Des-lijage.

ABSTRACT: We rescue ourselves and recognize the harm created to the earth as we embrace it as a complex whole. As a problematic objective, we analyze humanism as inhuman in a rhizomatic deconstruction in planetary decoloniality - complexity, as a trans method. This investigation seeks to reclaim the nature of life. The trans method, in its reconstructions and conclusions, leads us to reform the thinking of harmful humanism, with the research motto: Never humanists, always planetary decolonial in complex disconnections and reconnections of thinking and acting. We can never reconnect with liberating essences without disconnection between humanism and coloniality. We unite through complex planetary decolonial exercises in educational institutions and communities. We are afflicted by the pain in humanity, and in all this, we are Christians, not religious, recognizing Jesus Christ as the Son of God who was crucified and resurrected to grant us eternal life with another body on a new earth.

KEYWORDS: Humanism. Inhuman. Planetary decoloniality. Complex thinking. Des-sanding.

Peter Sloterdijk: Auto experimentos, testes voluntários de intoxicação e constituição psicoimune da natureza humana (VÁSQUEZ ROCCA, 2013, p. 47, tradução nossa).

Sei que minha razão, meu espírito me abre para o mundo, a realidade, a vida, e sei ao mesmo tempo que estou preso e por seus limites, e que o mundo, a realidade, a vida que conheço cobre o desconhecido.

Convivo cada vez mais com a consciência e o sentimento da presença do desconhecido no conhecido, do enigma no insignificante, do mistério em todas as coisas e, principalmente, dos avanços do mistério em todos os avanços do conhecimento (MORIN, 2017, p. 15, tradução nossa).

Rizoma Introito. Seções provocativas de investigação e desconstrução rizomática como um transmétodo de pesquisa

A natureza humana violadas repetidas vezes, com ou sem o consentimento do chamado ser humano; tantas vezes humilhado, denegrido, ofendido e destruído. Muitas vezes em silêncio suportando o que parece não ter retorno. Se o que se estuda muito nas universidades do planeta: o projeto chamado humanismo em sua expressão máxima triunfante em seu objetivo; atualmente carregada na colonialidade global. Salve aqueles que podem, se é o ditado daqueles que não reconhecem Deus em seus corações, como uma das consequências desse projeto. Que são desumanos, ou seja, para não confundir desumanos afirmamos que é sinônimo de: feroz, cruel, sanguinário, ímpio, atroz, impiedoso e brutal; mais adiante qualificaremos porque tudo isso é atribuído ao humanismo em todas as suas caracterizações.

Em sentido genérico, o humanismo foi uma corrente filosófica, artística e cultural germinada na Europa nos séculos XIV e XV, chama-se humanista a qualquer sistema que afirme a ilustre dignidade humana, o caráter racional e a finalidade do homem, que acentue sua autonomia, sua liberdade e sua capacidade de transformação da história e da sociedade; em que a verdade reside no homem e sua transcendência de alma e espírito não é reconhecida. Deus não tem outro lugar senão o mau uso da religião com um deus imposto. Não fazemos um passeio pelo humanismo, muito menos pelo antigo, sabemos por exemplo com Enrique Dussel, quando humanismo *helênico*, que o autor entende o grego pré-clássico, clássico e helenístico (DUSSEL, 1975) que "o humanismo sofisticado é aristocrático e não antropocêntrico, como a maioria dos historiadores afirmam. [...] É um movimento que desconfia do antropocentrismo das autoridades, das massas e daqueles que acreditam que podem fazer um julgamento" (DUSSEL, 1975, p. 69, tradução nossa).

Claro que não é o humanismo dos séculos mencionados, não é o que prevalece. Um pesquisador que marca a história da terra com o humanismo é Martin Heidegger, vejamos o que

acontece a partir de seus desígnios, com eles chegamos do humanismo à colonialidade global como manifestação de depreciação do ser humano, e abuso de sua condição humana. Na *Carta sobre o Humanismo* (HEIDEGGER, 1959), que teve sua origem em uma carta endereçada em 1946 a Jean Beaufretn em Paris, há uma resposta de Heidegger à carta de seu aluno francês Beaufretn, na qual ele lhe pergunta: Como dar um novo sentido ao Humanismo? Esta carta foi então ampliada e publicada pela primeira vez em 1947 como um apêndice da obra *Platons Lehre von der Wahrheit* de Martin Heidegger. Atualmente a obra *Carta sobre o humanismo*, com o título *Brief über den Humanismus*, faz parte do nono volume da obra completa de Heidegger.

Do que trata a Carta do Humanismo de Martin Heidegger? O autor ateu, que apoia o nazismo, nega ir além do físico, em busca de Deus, do metafísico e propõe em contraste com o conceito de pátria, não como a Terra de que trata Edgar Morín, nem a nação de onde vem; mas como o *ser-aqui* que é o *Dasein*: a história do ser. E propõe que o homem, no sentido modernista, pode viver no exílio, isto é, longe de sua história de ser, distante de sua pátria; Banido da metafísica, o banimento é o abandono do ser da entidade.

O que Heidegger queria propor? Ele propõe o ser humano em si mesmo, autossuficiente e transformador de si mesmo, isto é, "o homem pode ser um pastor do ser. Este é o "verdadeiro humanismo" de Heidegger. Chamado a habitar na proximidade do ser" (MORENO CLAROS, 2013, p. 327, tradução nossa). Segundo Heidegger, a natureza do ser é a pura convivência; nem se torna de Deus nem transcende Sua alma e espírito. Ao ser falta essência, não é abstrato, mas aberto, temporal e histórico. Contradiz que a alma e o espírito são energias que não morrem. Heidegger emite que a verdade encontrada é o não-escondido, o não-oculto que é *aletheia*, que é gerado a partir do próprio ser. Evidentemente, nega a existência de Deus e a transcendência do ser humano.

Embora se diga que "Heidegger não trabalhou o conceito de humanismo: o único ensaio sobre esse assunto é sua carta sobre o humanismo. Neste ensaio, Heidegger vai à essência do problema. E não toma o conceito de uma perspectiva cultural" (CORTÉS, 2006, p. 1, tradução nossa). É claro que Heidegger impacta o planeta com sua famosa carta, pois a metafísica da época era usada como imposição das religiões e se aproveita para supostamente libertar o ser humano, separando-o da ideia de que há um além. E concentra-se apenas nele está lá naquele momento e de alguma forma restringe a fé na transcendência e o uso de Deus como castigo. Que ele não é o Deus das Sagradas Escrituras, que tem sido vilipendiado e abusado com as religiões. Heidegger dá um impulso e impõe um novo humanismo, que afinal é o reducionismo

do ser humano e de sua concepção. O fracasso do humanismo em todos os sentidos analisaremos à luz da decolonialidade planetária – complexidade.

Nas *linhas de pesquisa*: transepistemologias de conhecimento-conhecimento e transmetodologias transcomplexas, e decolonialidade-complexidade planetária em religação, vamos como *objetivo complexo de investigação* analisar o humanismo como desumano em uma desconstrução rizomática na decolonialidade planetária – complexidade. Onde emitimos a máxima: *Nunca humanistas, sempre cristãos, decoloniais planetários em des-vinculações e re-vinculações complexas de pensar e agir.*

Queremos desmistificar as falhas da decolonialidade, ou seja, não cair no estrabismo do projeto transmodernista, que endossa projetos no planeta disfarçados de decoloniais e são outros projetos coloniais com novos instrumentos de evitação: *defeitos como sátiras na interpretação da decolonialidade* (RODRÍGUEZ, 2022). Queremos denotar a intenção do que concebemos como decolonialidade planetária; que não é comunismo; que não é ateísmo, nenhuma dessas conceituações pertence à sua concepção aberta e clara: a libertação da humanidade em toda a sua complexidade e natureza de vida.

A investigação é realizada para além das metodologias, em transmetodologias, planetárias decoloniais, complexas e transdisciplinares, que visam complicar à luz de certezas, em arquipélagos de certezas no mar de incertezas, que se revelam na decolonialidade e se entrelaçam com os saberes alheios à colonialidade; considerando que "se o conhecimento é um instrumento imperial de colonização, uma das tarefas urgentes que temos pela frente é descolonizar o conhecimento" (QUIJANO, 1989, p. 10, tradução nossa). *Não usamos Deus por motivos religiosos, mas cristãos, nos redimimos no resgate do sentimento e da libertação ontoepistemológica do sujeito investigador. Não estamos num inquérito colonial.* Descolonizamos o uso de Deus em religiões opressoras e muitas ligadas à colonialidade global para acabar com a humanidade.

Os transmétodos, para além dos métodos, sem derrubá-los, mas descolonizá-los, são legados das transmetodologias decoloniais planetárias - complexas, entre elas a desconstrução que tem uma formidável capacidade criativa de descobrir na decolonialidade planetária, é ir para uma criticidade anti-método que é profundamente transcomplexa no olhar anti-eurocêntrico (RODRÍGUEZ, 2019a); e os disfarces da decolonialidade.

Acreditamos na decolonialidade planetária como um processo libertador; não estamos pensando na opressão: a colonialidade global como digna; O que dizemos é que em meio ao

processo descolonial planetário na prática ocorrem ofertas enganosas em países que levam à colonialidade mais refinada, afinal.

Temos insistido nas linhas de pesquisa a necessidade urgente de rearticulação como prática emergente do pensamento filosófico transmoderno (RODRÍGUEZ, 2019b); mas, assim como a Santa Palavra de Deus nos diz que nenhum vinho novo é colocado em odres velhos, é imperativo desapegar-se dos velhos vícios opressivos da colonialidade global; O que é desvinculação, então? São desafios em todos os níveis: epistêmico, ético, político e humano. Na epistêmica, a crescente complexidade dos problemas fundamentais da humanidade exige, cada vez mais, des-vincular-se dos saberes impostos de diferentes disciplinas que não se inter-relacionam, desconstruí-las e estabelecer redes entre elas por meio de ataques transdisciplinares (RODRÍGUEZ, 2019b).

A decolonialidade planetária não é a prova da ruína e da morte que evita o castrista-comunista que cavalga na Venezuela, onde reformar o pensamento e agir em direção à decolonialidade planetária em respeito à vida é urgente em todos os tipos de colonialidade global no meu país; ocorre que incluindo os dos últimos 22 (vinte) anos com novos instrumentos de evasão e ruína, em todos os sentidos; oferecendo uma falsa liberação. Elas precisam ser superadas, e isso não pode ser feito com as mesmas ideias reducionistas e mentes colonizadas que dividem nosso país, dividem famílias e irmãos, massacram crianças em mortes por desnutrição, falta de ilusão e respeito à sua condição humana e distribuem o país como bolos em uma festa injusta que degrada a vida do venezuelano (RODRÍGUEZ; FORTUNATO, 2022b).

A desconstrução rizomática (RODRIGUEZ, 2019a) como um transmétodo para cumprir o objetivo complexo mencionado A desconstrução rizomática irá para a exploração na exterioridade da modernidade-pós-modernidade-colonialidade; *o outro revestido de humanismo* (DUSSEL, 2001); deixando de lado o debate qualitativo-quantitativo-sociocrítico na pesquisa reducionista, ele se apresenta como um processo complexo e transdisciplinar de construção e reconstrução (RODRÍGUEZ, 2019a). Na reconstrução, nos dois últimos rizomas a complexidade e a decolonialidade planetária na concepção complexa do ser humano fazem uma cena de re-vinculação, sempre nos desprendendo de qualquer manifestação do humanismo.

Por que a pesquisa é rizomática? Adquirimos o nome de rizoma da Biologia (DELEUZE; GUATTARI, 1980), em seu texto: *Capitalismo e esquizofrenia*, esses escritores dedicam todo um estudo aos rizomas, mas o mostramos como uma indagação rupturante em

antagonismo com as categorizações imutáveis da colonialidade: introdução, metodologia, resultados e conclusões (RODRÍGUEZ, 2022a).

É como é que complexidade e rizoma andam de acordo; onde "o rizoma como caso de sistema complexo" (INGALA, 2008, p. 258, tradução nossa) porque estes consentem com constantes rupturas significantes para incluir essências execradas e as mesmas colonizadas e imputadas reducionalmente nos defeitos que arrastam a re-ligagem sem des-vinculação na decolonialidade, como o humanismo. Continuamos com o transmétodo e a desconstrução.

Desconstrução do rizoma. A inumanidade a partir das concepções do humanismo

Que relação tem a colonização, a colonialidade com o humanismo? Por que relacionamos a crítica com a decolonialidade planetária e com a complexidade? Começo a resposta afirmando na colonização, que "não é evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania" (CÉSAIRE, 2006, p. 14, tradução nossa) e, como consequência, "a distância da colonização para a civilização é infinita" (CÉSAIRE, 2006, p. 14); é uma piada de mau gosto pensar em civilização sob o massacre e *encobrimento do outro* (DUSSEL, 2008). Em qualquer parte do planeta, de todas as aventuras coloniais, injustas e abusivas "nenhum valor humano pôde ser resgatado" (CÉSAIRE, 2006, p. 14, tradução nossa). A colonização para Aimé Césaire "desciviliza" o colonizador (CÉSAIRE, 2006, p. 15, tradução nossa). Essas análises são feitas em De Oto (2014) na obra intitulada: *Humanismo crítico e espectralidade*.

Notas de dois textos de Aimé Césaire, muito bem explicadas Alejandro De Oto afirma que a "verdade do colonialismo é muito mais dura, dura e cruel. Mas é um ato consciente, porque já sabemos, e embora daí não se possa esperar uma política emancipatória, a legitimidade do império e seus valores é posta em xeque" (DE OTO, 2014, p. 41, tradução nossa). Sendo a colonialidade uma continuação do colonialismo e a marca atual com a colonialidade global, explicita-se que o colonialismo, a colonialidade, o *humanismo e a colonialidade global são eixos constitutivos da mesma crueldade*: a dominação e a evasão, o abuso da natureza humana e o massacre da humanidade.

Portanto, pensar o humanismo a partir da criticidade que advém da decolonialidade planeta-complexa é um exercício de libertação de primeira ordem, sem qualquer preeminência no planeta, nem mesmo dos mesmos opressores que acabam oprimidos no estilo freiriano. Sem dúvida, "a colonialidade é um fenômeno histórico muito mais complexo que se estende ao nosso

presente e remete a um padrão de poder que opera por meio da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas" (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 15, tradução nossa), esse padrão de poder torna-se muito intencional de ter aceitado e manifestado no ser humano todo o fazer e poder, sem esperar transcendência ou redenção; Deus fora da equação das ciências, fora das ciências filosóficas e, portanto, divorciar a filosofia e a teologia. Deus morreu, como o mataram em suas obras, Deus não existe como os outros existiram. Um erro que leva à impudência de acreditar hoje que você pode criar um super-homem que pode se salvar.

Esse projeto colonial global vem possibilitando a transcrição de relações de "dominação; esse padrão de poder garante não apenas a exploração pelo capital de alguns seres humanos por outros em escala mundial, mas também a subalternização e a obliteração dos saberes, experiências e modos de vida daqueles que são assim dominados e explorados" (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 15, tradução nossa). É por isso que, agora, a ciência sai da equação do poder e do autoritarismo e é subalternizada aos que dirigem a colonialidade global, por exemplo: os resultados da Biologia são negados, a destruição da família é incitada, com gêneros transferidos para a sexualidade e a idolatria é impressa em escala planetária, chegando à pedofilia e outros sinais da máquina chamada humanismo, evocação da colonialidade.

Como autor liberto em meus "sentirpensar" e subjetividades, não mais um objeto passivo, mas um ser humano ativo na indagação, gostaria de esclarecer que a figura de Deus, do cristianismo evangélico, daqueles que creem em Jesus Cristo como o homem libertador da história da terra que deu sua vida por nossa salvação e transcendeu nossa alma e espírito; não é o deus usado na evasão da Igreja Católica que manipula a figura de Deus; e que por exemplo acontece que "o colonizador europeu e que traz consigo como consequência a representação do outro não cristão como um ser a quem é necessário evangelizar, seja árabe, negro, oriental ou índio americano" (ABATE, 2016, p. 182, tradução nossa). É claro que se apresentam como cristãos civilizadores, que massacram, escondem, denigrem, invadem em nome de seu deus, que representam em infinitas imagens e sua superioridade imposta.

Aqui, Deus conosco, Deus no mundo, Deus nosso criador se apresenta como Deus que fala nas Sagradas Escrituras e *o privilégio de conhecer a Deus nos leva a nos religarmos em tempos de crise* (RODRÍGUEZ, 2023), assim "é uma responsabilidade, como a reprovação ao nome de Deus, a separação do ser humano, o abuso nas religiões de evasão colonial tem comprometido a complexa compreensão do ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus" (RODRÍGUEZ, 2023, p. 90, tradução nossa); em que resgatamos nossa complexidade do corpo com a alma, o espírito e Deus; Claro que, com a natureza, não podemos esquecer que

uma das terríveis consequências do humanismo é que o espírito foi negado pela dominação hegemônica reducionista do fundamento do conhecimento; O espírito sopra onde, quando e como quer, e nos faz entrar em relação com um novo grau de contexto que se manifesta em nós na consciência, que é designada consciência *mística* (PANIKKAR, 2005).

Sendo o humanismo um projeto de modernidade-pós-modernidade é um projeto de colonialidade global, que agora se pretende manifestar com o pós-humanismo ou transumanismo com as contribuições do Norte e dos tiranos que dirigem o planeta e o precipício da vida. Globalismo com uma tremenda recessão, a necessidade de unir as religiões como um movimento ecumênico internacional serão passos para o cumprimento da palavra de Deus; onde sabemos que tais uniões não são acordadas por vontade, mas por conveniência; sim, segundo as Sagradas Escrituras, sabemos que Jesus Cristo é a verdade e a vida. Na *carta sobre o humanismo pode-se dizer que a partir dele é possível falar de um pós-humanismo, pois a tarefa de buscar o ser e dar sentido ao Dasein, ao ser do homem de outro modo aberto na/pela linguagem* (CORTÉS, 2006).

No entanto, esse não é o acordo de destruição da humanidade. "Sendo, portanto, filhos de Deus, não devemos pensar que a natureza divina é como ouro, prata ou pedra, esculpida pela arte e pelo pensamento humanos" (ATOS 17:29, tradução nossa). O desprezo por Deus, o desprezo por aqueles que vão contra a violação da natureza da vida, o uso da religião como portadora da verdade, mas apenas em seus representantes, não em Deus, não devemos esquecer que:

Nas origens do mundo moderno, a principal formação ideológica europeia é o humanismo, um programa cultural da burguesia, em cujas formas e conteúdos foram desenhadas as características físicas, morais e espirituais do arquétipo masculino-branco-europeu-cristão, modelo que fundamenta científica, religiosa e moralmente sua supremacia sobre o outro não-homem-não-branco-não-europeu-não-cristão (ABATE, 2016, p. 182, tradução nossa).

Cristão não crendo em Deus, mas em si mesmo; contradição entre seus próprios fundamentos. Sem dúvida, aquela burguesia a que Sandro Abate se refere, em sua obra mencionada, foi condenada por sua própria ignorância: "você é de seu pai, o diabo, e quer fazer os desejos de seu pai. Ele foi um assassino desde o início, e ele não se posicionou na verdade porque não há verdade nele. Quando fala uma mentira, fala da sua própria natureza, porque é mentiroso e pai da mentira" (JOÃO 8:44, tradução nossa). E isso, eles a impregnaram em suas histórias de vida; muitos apoiaram o nazismo, o massacre da história na Alemanha, a tortura e

morte de milhões de judeus; E em suas vidas, muitos acabam cometendo suicídio por sua própria luxúria.

Erich Fromm contradiz a definição de Raimon Panikkar do que é o ser humano em sua intuição cosmoteândrica como as três dimensões da realidade (PANIKKAR, 1999) e afirma que "as fontes das normas de conduta ética devem ser encontradas na própria natureza do homem [uma vez que] as normas morais são baseadas nas qualidades inerentes ao homem" (FROMM, 2010, p. 19, tradução nossa). Mas isso tem sido um tapa na cara das próprias ações do ser humano, que ao destruir sua natureza, contada em Gênesis antes de Adão, então agora a terra geme e as consequências desastrosas sobre o meio ambiente o ser humano não pode parar.

O humanismo, modelo de incivilização, que fomos desconstruindo, nos encoraja a pensar no desespero, desde que aqueles que não têm a fé da salvação de Jesus Cristo "Cada um por si! É o pensamento daqueles que, sem ter Deus em seus sentimentos, com Ele e no mundo, sentem-se desprotegidos do sistema e arrancados da vida no planeta" (RODRÍGUEZ; MIRABAL, 2020, p. 295, tradução nossa). Entre tantos abusos à humanidade a sociedade de consumo que enaltece o corpo transformado, além de sua natureza de criação que a partir da *antropologia da obsolescência humana podemos estudar o hiperconsumo, a tecnofilia e a velocidade mercantil* (POLO BLANCO, 2018).

Podemos nos perguntar: depois de ter liberado enormes forças criativas e desencadeado forças destrutivas sem precedentes, ele caminha para sua autodestruição ou sua metamorfose? (MORÍN; KERN, 1993). Respondemos que certamente não é possível: o humanismo cristão, o humanismo marxista, o humanismo existencialista, o humanismo racionalista, todos têm o defeito do eurocentrismo, como concepção e abordagem cultural da evolução social que considera "a Europa e sua cultura como centro e motor da civilização, tem sua origem e fundamento ideológico no conglomerado constituído pelo humanismo como programa cultural, o capitalismo como modelo econômico e o colonialismo como projeto político" (ABATE, 2016, p. 183, tradução nossa). E que se juntou ao Norte para acabar com a natureza da vida.

Há quem busque resgatar o humanismo do cristianismo, por exemplo, na investigação intitulada: *a crise do humanismo: uma revisão e reabilitação dos pressupostos do humanismo cristão frente aos desafios do anti-humanismo contemporâneo* (RIVAS GARCÍA, 2019). É de cuidado delicado conhecer a intencionalidade do humanismo para si; porque se afirma que "o humanismo cristão é o resultado da confluência entre as duas tradições que compõem a face do Ocidente (Israel e Atenas)" (RIVAS GARCÍA, 2019, p. 1, tradução nossa). Onde o humanismo

quer se limitar; que em si mesma é excessiva, e que a confluência das religiões não tornaria menos nocivas as consequências de pensar o homem como a verdade e não como seu criador.

O pós-humanismo não é um humanismo (DE FREITAS, 2020), se mais um plano fracassado, não nos esqueçamos que em 1997 Peter Sloterdijk em seu livro intitulado: *Regras para o parque humano. Uma resposta à Carta sobre o Humanismo de Heidegger* cunha o termo antropotecnia (SLOTERDIJK, 2001). Assim, vemos que o pós-humanismo ou transumanismo, é apresentado como uma resposta à crise e esgotamento do humanismo, mas no âmbito do próprio humanismo; como a pós-modernidade como um cone de modernidade com a mesma intenção colonialidade.

Sabe-se que "a obra do filósofo alemão Peter Sloterdijk, tem sido considerada como o gatilho dessa perspectiva, do ponto de vista das ideias; " a manipulação genética da prole é defendida e apoiada como caminho para melhorar o ser humano" (RIVAS GARCÍA, 2019, p. 10, tradução nossa). Esse pós-humanismo, ou transumanismo, não é apenas mais um humanismo (DE FREITAS, 2020)? Claro que sim, já o explicitamos.

Na violação da vida e na responsabilidade por ela nas mãos do próprio ser humano, que se declara segundo o humanismo sem transcendência de seu louvor e espírito, vemos, por exemplo, que talvez os transgênicos, suas graves consequências na violação da natureza da vida não tenham sido suficientes para saber que violar a natureza do ser humano é catastrófico. Sem dúvida, qualquer caminho com humanismo é um desastre para a humanidade, sabendo que "a cultura humanista falhou e o potencial bárbaro da civilização cresce mais a cada dia" (RIVAS GARCÍA, 2019, p. 1, tradução nossa). Não em vão, Edgar Morín clama pela recivilização da humanidade. Um cidadão planetário profundamente antropológico, que supõe "a decisão consciente e clara: assumir a condição humana indivíduo-sociedade-espécie na complexidade de nossa era, para alcançar a humanidade [...] assumir o destino humano em suas antinomias e sua plenitude" (MORÍN, 1999, p. 101, tradução nossa).

As consequências na educação do humanismo têm sido catastróficas com as competências que tornam o ser desumano, incompetente para defender a própria vida; por isso, o cubano e colombiano Alexander Ortiz Ocaña afirma que há uma armadilha na pretensão e na intenção humanista da pedagogia (ORTIZ OCAÑA, 2021). Aqui nesta entrevista o autor continua corroborando o que tem dito em muitas obras de que *a doutrinalidade é a face oculta da formação* (ORTIZ OCAÑA, 2021). Nas linhas de pesquisa do autor continuamos com as consequências desastrosas na formação do humanismo; e *a Educação Decolonial Planetária Complexa como essência libertadora na vida do ser humano*, em futuras indagações.

Reconstrução de rizomas. Decolonialidade planetária e complexidade na concepção complexa do ser humano

Na reconstrução da pesquisa, e não do humanismo, porque não acreditamos em nenhuma possibilidade de respeito à vida em qualquer manifestação ou projeto que se baseie no humanismo, já a desconstruímos; Exortamos à consciência da identidade humana através da diversidade de culturas, religiões e modos de ser na aceitação do outro em nós e vice-versa, "é o reconhecimento de que podemos nos aproximar de Deus com liberdade e confiança" (EFESIOS 3: 12, tradução nossa). Recuperando com ela, essa parte da identidade está na trindade de Panikkar (1999): Deus-homem-cosmos, e que "Jesus Cristo é a luz do planeta" (EFÉSIOS 5:8, tradução nossa). É o reconhecimento do indivíduo-sociedade e da espécie naquela trindade onde nenhuma das duas (as tríades) se desune.

Lembramos no des-vínculo que *ninguém joga vinho novo em odre velho* (SANTA BIBLIA UNHAS, 1960); com isso queremos dizer que quando adotamos posições ultrapassadas, que provaram sua ineficiência e crueldade na história, seja pela colonialidade ou por nos sentirmos minimizados e pensarmos que o Ocidente ou o Norte são superiores, em todos os sentidos. Estamos a viver as consequências nas nossas vidas e nos sistemas educativos. Creio que devemos refletir sobre a nossa humanidade, sobre o sentimento de bondade, solidariedade e natureza da vida; o que é certamente complexo. Tudo isso, podemos fazer na decolonialidade planetária, que não escapa à des-vinculação e à re-vinculação; ele também tem sido usado para contornar.

Com tudo isso, na Terra insistimos em projetos decoloniais planetários que respeitem a complexidade da vida, com uma ecosofia profunda que "vai muito além da visão da Terra como um ser vivo; ela nos revela a matéria como um fator do real tão essencial quanto a consciência ou o que costumamos chamar de divino" (PANIKKAR, 2005, p. 202, tradução nossa). Sim, estamos impregnados do seu amor amado Deus, e pensamos que a sua sabedoria nos ilumina e nos mostra o caminho, o caminho da salvação que é Jesus Cristo.

Na construção do conhecimento-saber, nessa união inominável nas universidades, nas comunidades na pós-graduação "é essencial colapsar as forças da razão e da ciência, construir outras formas de conhecimento, conhecimento, sabedoria do coração que permitam a reapropriação e reconstrução do mundo e tenham a vida e a felicidade como horizontes" (GUERRERO, 2010, p. 11, tradução nossa). Sim, que o humanismo seja derrotado com solidariedade, amor e tolerância; com aquele príncipe da paz que nos diz que vale a pena lutar; Jesus Cristo nos amando e morrendo por nós.

Compaixão diante da dor na decolonialidade-complexidade planetária, quão alienígena ela é? (RODRÍGUEZ, 2023), rezamos para que não usemos mais esse sentimento como outro, mas que sob a consciência de que viemos para servir, que estamos unidos univemente no mesmo amor final, entendemos que:

A compaixão leva à inserção do ser humano na natureza, ao reconhecimento da nossa ecodependência, ao cuidado com a terra; sem reconhecimento do pluriverso cultural, étnico, religioso e da biodiversidade. A compaixão deve levar ao diálogo entre tradições culturais, religiosas, étnicas, filosóficas, espirituais e morais (RODRÍGUEZ, 2023, p. 1, tradução nossa).

A Terra grita, e nos perguntamos: ainda podemos prolongar a vida no planeta? E se soubermos que estamos no dever antropológico de empreender um caminho que nos dignifique diante do mundo e de Deus Criador e Senhor das Sociedades Bíblicas Unidas (1960), "agora, então, se vocês realmente ouvirem a minha voz e guardarem a minha aliança, vocês serão meu tesouro especial entre todos os povos, pois o meu é toda a terra; e sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (EXÓDO 19: 5-6, tradução nossa).

A espiritualidade desempenha um papel essencial em levar compaixão às instituições educacionais, que podem ser ensinadas, quem somos nós como seres humanos, qual é o papel em nossa humanidade? (RODRIGUES, 2023). Devemos nos impregnar dessa educação libertadora, atendendo às melhores essências do ser humano; à sua educabilidade e para provocar o amor e a solidariedade. Estar impregnado de uma máxima que não podemos deixar de colocar em ação: "não há compaixão sem uma espiritualidade libertadora. A espiritualidade é uma das dimensões fundamentais do ser humano, que constitui o alimento da compaixão; uma espiritualidade que nos liberta do medo, do ódio, do egoísmo, da arrogância" (TAMAYO, 2020, p. 99, tradução nossa).

Voltando-se para a natureza, o social, o espiritual; reconhecer nossa finitude neste corpo e a transcendência de nossa alma e espírito; conhecendo-nos indizíveis em seu amor querido Deus, com a ecologia espiritual como parte da ecosofia, voltamos com "sabedoria na arte de habitar o planeta, indo à filosofia antiga que dita que a razão não está localizada apenas na mente; mas na alma e no espírito" (RODRÍGUEZ, 2023, p. 90, tradução nossa). Por isso, devemos analisar, nas necessidades do planeta, na crise moral, na maior urgência da desumanidade, "o privilégio de conhecer a Deus com reconexões em tempos de crise, [...] Deus-ser humano, natureza-ser humano" (RODRÍGUEZ, 2023, p. 90, tradução nossa), de volta à sua unidade por natureza da criação de Deus.

De acordo com a complexidade e o reconhecimento da natureza da vida, tomaremos "da consciência da finitude humana no cosmos, o que nos leva a conceber que, pela primeira vez em sua história, a humanidade deve definir os limites de sua expansão material e, correspondentemente, empreender seu desenvolvimento psíquico e moral, mental" (MORÍN, 2006, p. 181, tradução nossa). E unido ao espiritual, à transcendência do ser humano, ao reconhecimento de sua finitude em seu fazer, e que dentro dele não está a verdade; a humildade de que tanto precisávamos na crise do humanismo. Reconheçamos que não podemos voltar e fazer no meio da terra; na medida do possível; deixando o indizível e o grande poder de Deus que transcende nossa alma e espírito.

Considerando a decolonialidade planetária como reconstrutiva na investigação, juntamente com sua forma apódica de preparar o terreno para o exercício da complexidade, quero esclarecer com Walter Mignolo, que o pensamento decolonial, que naturalmente subverte a modernidade-pós-modernidade-colonialidade, "não é mais esquerda, mas outra coisa: é o despreendimento da episteme política moderna, articulada como direita, centro e esquerda; é abertura para outra coisa, em movimento, buscando na diferença" (MIGNOLO, 2008, p. 255, tradução nossa). Trata-se de outras coisas é a libertação do planeta em todos os sentidos, de qualquer desvio; em que porque é planetária, como lhe chama o autor: decolonialidade planetária: é a libertação até dos próprios opressores; não é socialismo disfarçado de comunismo, não é castrismo, não é um sistema opressor que denigre a vida.

O fracasso de muitos projetos de descolonização impostos como pensamentos únicos acarreta consigo seu declínio; porque a diversidade é o maior patrimônio comum da humanidade em pensamentos complexos. "Toda sociedade envolve indivíduos que são geneticamente, intelectualmente, psicologicamente e afetivamente muito diversos e, portanto, aptos a ter pontos de vista muito variados" (MORÍN, 2001, p. 31, tradução nossa).

Na conformação da nossa natureza humana, na educação, nas ciências, na construção do conhecimento-saber, o que já se sabia desde a filosofia antiga deve ser feito para transcender, "uma certa trindade é uma constante humana: em quase todas as tradições da humanidade parece que se descobriu que a realidade é trina [...] são precisamente aquilo a que aqui chamamos Deus, Homem e Cosmos". (PANIKKAR, 2006, p. 106, tradução nossa).

Portanto, a ecosofia é aquela sabedoria que vem de Deus que nos faz sentir que a terra também é um sujeito, nossa terra-pátria que nos alimenta, acolhe e protege; é uma dimensão constitutiva e conclusiva do contexto do planeta, não em vão a Terra se acomodou e viu que era bom Deus criar Adão e Eva; essa sabedoria "vai muito além da visão da Terra como um ser

vivo; Ela nos revela a matéria como um fator do real tão essencial quanto a consciência ou o que costumamos chamar de divino" (PANIKKAR, 2005, p. 202, tradução nossa).

Raimón Panikkar nos resgata com sua aceitação de Deus conosco que em Deus está a nossa existência, de Deus no mundo e com o mundo; Deus-Ser humano em perfeita união através de Seu Espírito Santo. Edgar Morín imprime como "a fé confere ser e existência a entidades noológicas imaginárias (deuses, espíritos, et similia)" (MORÍN, 2001, p. 121-123, tradução nossa). Deixa então compreendida a tremenda ignorância do humanismo moderno, de Heidegger, por exemplo, deixando a verdade dentro de nós e a dependência apenas de nós como centro da terra; é uma ignorância da natureza da vida, da complexidade dos sistemas e uma aberração para nossa alma e espírito sem a qual o corpo não existe; nem sem Deus, nosso criador.

Essas realidades de complexidade da vida não são possíveis sob o projeto humanista, o humanista destrói a natureza porque acredita ser o centro da terra, deve conquistá-la em sua própria ignorância:

Devemos abandonar a visão de um homem que possui e possui a natureza, não só porque ela levou à violência destrutiva e danos irreparáveis à complexidade viva, mas também porque essas violências e danos retroagem de forma nociva e violenta na própria esfera humana (MORÍN, 2002, p. 495, tradução nossa).

Dessa forma, persistir por teimosia ou domínio é pensar então que não saímos por causa de nossa própria luxúria. É hora de pensar nas melhores essências do ser humano, que podem ser transcendidas e provocadas em um exercício de consciência-consciência, uma vez que "o mito bárbaro da conquista da natureza, longe de humanizar a natureza, instrumentaliza-a e degrada seu degradador" (MORÍN, 2002, p. 495, tradução nossa). Nós nos redimimos na vida diante de nossa magnífica criação; além das competições desumanas, a ânsia por dinheiro e danos à vida.

Queremos ratificar que a ecosofia nos encoraja a pensar também em meio à *Pachamama*, nas raízes autóctones de nossas civilizações planetárias e seu impacto na civilização da terra. Devemos considerar que mesmo no Sul não conseguimos consolidar uma epistemologia do Sul, que seja decolonial, própria e que atenda à vida dos antepassados da história (SANTOS, 2009, 2022). Vale a pena nos perguntarmos, se no sul global, como metáfora de Boaventura Do Santos, dos excluídos do planeta: quanto de nossa interioridade estamos convencidos de nosso valor, ou somos facilitadores de sistemas disfarçados de libertadores, estamos realmente empoderados? Quanto fizeram os portadores das

epistemologias do Sul para salvaguardar nosso conhecimento, para promovê-lo a partir da complexidade do conhecimento do planeta, de nossas potencialidades? (RODRÍGUEZ, 2022a). Não esqueçamos que ecologizar o conhecimento, pensar em civilizações enterradas, é divorciar-se do pensamento abissal, "ecologia do conhecimento implica uma ruptura radical com os modos ocidentais modernos de pensar e agir" (SANTOS, 2014, p. 40, tradução nossa).

Respondemos às perguntas anteriores, reconhecemos os esforços, mas não dizemos por nada nas perguntas anteriores nos sentimos empoderados do que é nosso, imagino na primeira pessoa, o que a maioria sente que ainda somos considerados inferiores e duplamente culpados de sermos dobrados como afirma Enrique Dussel na dupla culpa irrisória, injusta e desrespeitosa de nossa humanidade, mas que tem dado resultados para a evasão, da qual fomos acusados: inferiores e tendo resistido ao massacre (DUSSEL, 2008).

O complexo planetário decolonial da história, Edgar Morín nos dá uma tremenda responsabilidade em nosso processo de reivindicação no Sul, imagine como ele nos considera em nosso valor, que nos solicita buscar a arte de habitar o planeta a sabedoria que é ecosofia, nos expressa em sua obra intitulada: Em seu trabalho intitulado "*Para um Pensamento do Sul*", Morín afirma:

O pensamento sulista é chamado a reproblematicar a sabedoria. [...] a nova sabedoria deve buscar o "dialógico" – diálogo permanente, complementaridade no antagonismo – entre razão e paixão [...] a missão do pensamento sulista seria recuperar o concreto, a existência, a afetividade que existe em nossas vidas. Recuperar o singular, [...] mas integrá-lo no universal concreto que liga a unidade à diversidade. Recuperando o contexto e o global (MORÍN, 2018, p. 302, tradução nossa).

Edgar Morín continua a falar das deficiências da ciência colonial, ao colocar o ser humano à conquista e com ela ao massacre "que o dinamismo científico-técnico-econômico levou ao aparecimento de novos perigos para toda a humanidade, com a proliferação de armas nucleares, a degradação da biosfera e as polícrises planetárias" (MORÍN, 2018, p. 298, tradução nossa). Isso nos diz que um dos ofícios da decolonialidade planetária não é apenas desvendar e salvaguardar o que está escondido e enterrado no planeta, mas enfrentar as consequências desastrosas na fatalidade das ciências coloniais; em muitas concepções e nas ações daqueles que dirigem a colonialidade global. "A ciência e a tecnologia geram e governam, como deuses, um mundo de objetos" (MORÍN, 1981, p. 412, tradução nossa).

Entre essas consequências está o pensamento fatalista reducionista do ser humano, descolando-se das falsas realidades, das crenças impostas ao que somos e nosso papel na terra é uma tarefa gigantesca. Se não houver des-vinculação, nunca poderemos voltar a ligar-nos às

essências libertadoras. Unimo-nos pelo exercício decolonial planetário-complexo nas instituições de ensino, nas comunidades com um exercício aberto de pensar o saber sábio, mas também o conhecimento solidário da dor do próximo. Somos sofridos pela dor na humanidade, antes de sermos todos cristãos pelo reconhecimento de Jesus Cristo como o filho de Deus que foi crucificado e ressuscitou para que ganhássemos uma vida eterna, com outro corpo em uma nova terra.

Recuperar a complexidade da vida, pensar complexo-questionador-inconformado-não-ditador é urgente, pensar o indizível; considerar o terceiro incluído entre dois pressupostos que são complementares, para diminuir o pensamento abismal. Conceituará como complexo aquele antagonico que não viola a natureza da vida; o diálogo como medida de compreensão dialógico-dialética.

A consideração da terra como sistema é um imperativo, em que uma parte afeta a outra, que o pensamento na reforma do mutilador é essencial. *Não somos únicos, nem um nós prejudicando um que não somos, porque foi exatamente isso que aconteceu somos realmente nós*, mas nem todos gostaram. Somos a vida de todos. O princípio eco-auto-relacional e pensamento ecologizado é "um pensamento permanentemente dotado de uma visão eco-auto-relacional" (MORÍN, 2001, p. 113, tradução nossa).

Procuremos um pensamento planetário decolonial complexo que siga os princípios da complexidade, no *Método II: vida da vida*, de Edgar Morín, que dizem ser sete princípios norteadores do pensamento complexo: o *princípio sistêmico e organizacional*, referente à problematização das emergências do planeta, e diante do qual da antropoética devemos partir para a ação responsável, sabendo que "a organização de um todo produz novas qualidades ou propriedades em relação às partes consideradas isoladamente" (MORÍN, 1994, p. 69, tradução nossa). O princípio hologramático que relaciona as partes com o todo e o todo com as partes (MORÍN, 2002), sabendo que "cada indivíduo singular contém de forma hologramática o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele" (MORÍN, 1999, p. 6, tradução nossa). Com esse princípio devemos estar atentos para pensar que a realidade não é feita de partes, como conjecturam os reducionistas, nem de totalidades, como afirmam os holistas (MORÍN, 1994).

Também o princípio do loop retroativo que faz um feedback das respostas das partes com o todo; O princípio do loop recursivo, que permite a reforma do pensamento, que deve consistir em distinguir, mas sem desunir e ao mesmo tempo re-vincular, mas uma vez desvinculado, será então um pensamento que complementa o isolado com o todo, ou o que é o

mesmo, as partes com o contexto (MORÍN, 2000). E o princípio da autonomia/dependência ou também chamado de auto-eco-organização, minimamente no que diz respeito às suas condições socioculturais de produção ou emergência em conhecimento, que dão particularidade sem negar a diversidade; Sempre pensando no patrimônio cultural mais importante da humanidade: a diversidade.

Outra essência do pensamento complexo é o princípio dialógico à complexidade supõe características da treliça, desordem, ambiguidade e incerteza, com essa dialogicidade busca-se uma convivência entre essas características e a realidade em que vivemos, sem minimizar ou aceitar superioridades para construir conhecimento-conhecimento com os arquipélagos da certeza sabendo como diz Edgar Morín que navegamos em um mar de incertezas que é o indizível, ao qual atribuímos a Deus todo o seu conhecimento.

Da mesma forma, esse diálogo é especial quando pensamos no decolonial Boaventura Do Santos com sua ecologia de saberes que "promove uma autêntica articulação dialógica entre saberes considerados ocidentais, científicos e modernos, e saberes considerados tradicionais, nativos e locais, sem desacreditar os saberes científicos" (SANTOS, 2018, p. 253, tradução nossa).

É claro que o pensamento dialógico tende a nos conscientizar de que o conhecimento-saber é consequência de uma dinâmica constante, que deriva de um diálogo contínuo entre o ser humano e o habitat, sustentado pela incerteza (MORÍN, 1994). Enquanto, o princípio da reintrodução do conhecedor em todo conhecimento-conhecimento, é um princípio estratégico e gerador onde se estabelece que há uma objetividade relativa, que nunca é totalmente objetiva; carrega a ilusão e o risco (MORÍN, 2002). Mais uma vez deixamos a verdade absoluta para Jesus Cristo e seu legado, emitido nas Sagradas Escrituras.

E parar de idealizar como nos diz Edgar Morín em *O Método I: A Natureza da Natureza*, com ações que são modos fundamentais de simplificar ou mutilar o pensamento, tais como: idealizar, racionalizar e normalizar (MORÍN, 1981). Continuamos a ponderar em nossa reforma do pensar e do agir, em todas as des-vinculações e re-vinculações, como se começássemos no Gênesis.

Rizoma conclusivo. Nunca humanistas, sempre cristãos, decoloniais planetários em des-vinculações e re-vinculações complexas de pensar e agir

Como objetivo complexo de investigação analisamos o humanismo, declarando-o plenamente justificado como desumano numa desconstrução rizomática na decolonialidade planetária – complexidade; não acreditamos em uma posição possível digna da vida que parta daquilo que sustenta o humanismo. Onde emitimos a máxima: *Nunca humanistas, sempre decolonos planetários em des-vinculações e re-ligações complexas de pensar e agir*. Note-se que nos voltamos para os transmétodos. Pois, segundo o Método I: A Natureza da Natureza urge um conhecimento cuja elucidação não seja amputação e cuja ação não seja manobra, evasão, o importante é colocar o problema de um novo método (MORÍN, 1981). Diante disso, denominamo-los de transmétodos e carrega consigo as essências dos 5 (cinco) métodos morinianos, atendendo à máxima de que: *a decolonialidade planetária é apódica de complexidade em qualquer de suas manifestações* (RODRÍGUEZ, 2021).

Ao contrário do que pensam alguns decoloniais, no meu pensamento decolonial planetário penso que qualquer humanismo é um fracasso. Mesmo quando pensamos em reformulá-lo para um humanismo latino-americano, suas bases estão podres, basta o sinal de fracasso em qualquer de suas manifestações; para ver detalhes deste lado do planeta, recomendamos que você re-visite, des-vincule e re-vincule os resultados do humanismo latino-americano e caribenho da segunda metade do século XX (CALVO-GÓMEZ, 2021).

Sem dúvida, *Martin Heidegger e o fim do humanismo* (CARREÑO, 2011) é vivido na Europa, mas também no Norte, e "o fracasso do projeto esclarecido é evidente: no meio do processo de elaboração dos direitos humanos nos encontramos com uma Europa em ruínas e diante do espetáculo da catástrofe humana realizada com os mais sofisticados meios racionais colocados a serviço do extermínio e da aniquilação em massa" (CARREÑO, 2011, p. 59, tradução nossa). Já em 2023 é sem dúvida mais evidente a derrota de si mesmos com toda vociferação e contaminação do planeta com o projeto do humanismo. Sem dúvida, *Política e humanismo sobre o fracasso do pensamento político* (FLORES CORRALES, 2013), podemos vê-lo com um estudo bastante acadêmico nesse autor.

Não estamos ditando o que está em evidência diante do planeta e suas consequências; fazemos o nosso caminho caminhando. Queríamos viajar à luz da decolonialidade planetária-complexidade, do humanismo sem preferência, mas do humanismo desumano cheio da redução do ser humano; do distanciamento. É importante, à luz dos novos tentáculos da colonialidade global que se avizinham, poder pensar sobre nossa ação ética diante dela, e em todas as posições

de onde temos nossas trincheiras, estar atentos à violação da vida, à sua natureza: o perigo da extinção da terra.

Nunca humanistas, sempre cristãos, decoloniais planetários em desvinculações e relações o pensamento e a ação complexa são uma subversão, um grito de socorro, uma desvinculação e uma re-vinculação em direção às essências libertadoras da humanidade; O que eu disse aqui ecosoficamente complexo possivelmente muitos sabem disso a partir de suas pesquisas. Mas então perguntamos: por que não se dissociam dos pensamentos mutiladores do humanismo e das ações que ameaçam a vida? A quem devem em suas práticas? Por que as crianças ainda são usadas na educação para promover ataques à família e à vida? Sem eles são chamados de cientistas; E você conhece os resultados da genética, irrefutáveis, as consequências desumanas dos transgênicos, o que eles jogam ao apoiar governos de Estados e aqueles que dirigem a colonialidade global para acabar com a vida no planeta? Eles ainda acham que têm a verdade e podem se salvar?

Agradecimentos e dedicação na liberação transmetódica do sujeito de pesquisa

Pensando com as linhas de investigação e nossa humildade de não buscar nada definitivo, sabendo que a verdade é sustentada por Deus amado, que Jesus Cristo é a verdade e a vida, contribuimos para reivindicar a natureza da vida; despedimo-nos com a evolução do Primeiro e Segundo Mandamentos de DEUS, quando um intérprete da Lei lhe perguntou ao Mestre: Qual é o principal mandamento da Lei? Respondeu-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. O Segundo Mandamento é assim: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (MATEUS 22:34-39). Obrigado querido Pai, seu amor é tudo.

REFERÊNCIAS

- ABATE, S. Humanismo y colonialismo: la poética del capitalismo eurocéntrico en tres obras del siglo XVI. **Lingüística y Literatura**, Buenos Aires, n. 70, p. 173-190, 2016. DOI: 10.17533/udea.lyl.n70a08. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4765/476549599009/html>. Acesso em: 04 mar. 2023.
- CALVO-GÓMEZ, W. El humanismo latinoamericano y caribeño de la segunda mitad del siglo XX. **Revista Espiga**, Costa Rica, v. 21, n. 42, p.71-98, 2021. DOI: 10.22458/re.v20i42.3760. Disponível em: <https://revistas.uned.ac.cr/index.php/espiga/article/view/3760>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- CARREÑO, A. Martin Heidegger y el final del humanismo. **Revista Filosofía UIS**, Bucaramanga, v. 10, n. 1, p. 59-86, 2011. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistafilosofiauis/article/view/2619>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- CÉSAIRE, Aime. **Discurso sobre el colonialismo**. Madrid: Akal, 2006.
- CORTÉS, A. Heidegger y el humanismo. **Civilizar: Ciencias Sociales y Humanas**, Bogotá, v. 7, n. 12, p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://repository.usergioarboleda.edu.co/bitstream/handle/11232/329/CienciasSocialesyHumanas6111.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- DE FREITAS, J. El Posthumanismo Es Un Humanismo: Una Lectura De La concepción Sloterdijkiana De Las antropotécnicas. **LÓGOI Revista de filosofía**, Madrid, n. 37, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistasenlinea.saber.ucab.edu.ve/index.php/logoi/article/view/4546>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- DE OTO, A. Humanismo crítico y espectralidad: Notas a partir de dos textos de Aimé Césaire. **Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las ideas**, Mendoza, v. 16, n. 1, p.33-44, 2014. ISSN: 1851-9490. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-94902014000100004. Acesso em: 16 jan. 2023.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Mesetas: Capitalismo y Esquizofrenia**. Valencia: Pre-textos, 1980.
- DUSSEL, E. **El humanismo helénico**. Buenos Aires: Eudeba Editorial, 1975.
- DUSSEL, E. **Hacia una filosofía política crítica**. Madrid: Descleé de Brouwer, 2001.
- DUSSEL, E. **El encubrimiento del Otro: Hacia el origen del “Mito de la modernidad**. La Paz: Biblioteca Indígenam, 2008.
- FLORES CORRALES, O. Política y humanismo (A propósito del fracaso del pensamiento político). **Estudios Políticos**, México, n.16, p. 1-20, 2013. DOI: 10.22201/fcpys.24484903e.1997.16.37173. Disponível em: <https://docplayer.es/79498838->

Politica-y-humanismo-a-proposito-del-fracaso-del-pensamiento-politico.html. Acesso em: 20 fev. 2023.

FROMM, E. **Ética y psicoanálisis**. México: FCE, 2010.

GUERRERO, P. Corazonar desde las sabidurías insurgentes el sentido de las epistemologías dominantes, para construir sentidos otros de la existencia. **Sophia**, Ecuador, v.8, p.101-146, 2010. DOI: 10.17163/soph.n8.2010.05. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2790/279021514007.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre el humanismo**. Traducción de Helena Cortés y Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 1959.

INGALA, E. La complejidad y el pensamiento de Gilles Deleuze. **Δαίμων. Daimon Revista Internacional de Filosofía**, Madrid, v. 3, p. 255–261, 2008. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/120581>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MIGNOLO, W. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-282, 2008. DOI: 10.25058/20112742.331. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero08/la-opcion-de-colonial-desprendimiento-y-apertura-un-manifiesto-y-un-caso/>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MORENO CLAROS, L. **Martin Heidegger: el filósofo del ser**. Madrid: EDAF, 2013.

MORÍN, E. **El método I: La naturaleza de la naturaleza**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1981.

MORÍN, E. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1994.

MORÍN, E. **Los siete saberes necesarios para la educación del futuro**. Paris: UNESCO, 1999.

MORÍN, E. **Los siete saberes necesarios a la educación del futuro**. Caracas: Ediciones FACES/UCV, 2000.

MORÍN, E. **El Método III: Las Ideas**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

MORÍN, E. **El Método II: La vida de la vida**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2002.

MORÍN, E. **El Método VI: La ética**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.

MORÍN, E. **Connaissance, ignorance, mystère**. Paris: Fayard, 2017.

MORÍN, E. Por un pensamiento del Sur. **Quaderns de la Mediterrània**, Paris, 27, p. 209-304, 2018. Disponível em: <https://www.iemed.org/wp-content/uploads/2021/05/Por-un-pensamiento-del-Sur.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MORÍN, E.; KERN, A. **Tierra-Patria**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1993.

ORTIZ OCAÑA, A. Alexander Ortiz Ocaña y el decolonialismo. **Elmostrador**, 2021. Em: <https://www.elmostrador.cl/destacado/2022/10/22/alexander-ortiz-ocana-y-el-decolonialismo-hay-una-trampa-en-la-pretension-y-en-la-intencion-humanista-de-la-pedagogia/>. Acceso em: 26 jul. 2022.

PANIKKAR, R. **La intuición cosmoteándrica**: las tres dimensiones de la realidad. Madrid: Trotta, 1999.

PANIKKAR, R. **De la mística**: Experiencia plena de vida. Madrid: Herder, 2005.

PANIKKAR, R. **Paz e interculturalidad**: Una reflexión filosófica. Madrid: Herder, 2006.

POLO BLANCO, J. Antropología de la obsolescencia humana: Hiperconsumo, tecnofilia y velocidad mercantil. **Revista de Filosofía**, Madrid, v. 43, n. 2, p.295-314, 2018. DOI: 10.5209/RESF.62032. Disponible em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/62032>. Acceso em: 04 mar. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1989.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RIVAS GARCIA, R. La crisis del humanismo: una revisión y rehabilitación de los supuestos del humanismo cristiano ante los desafíos del antihumanismo contemporáneo. **Franciscanum**, Bogotá, v. 61, n. 172, p. 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21500/01201468.4462>. Disponible em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/4462>. Acceso em: 04 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Deconstrucción: un transmétodo rizomático transcomplejo en la transmodernidad. **Sinergias educativas**, Quevedo, v. 4, n. 2, p. 43-58, 2019a. DOI: 10.31876/s.e.v4i1.35. Disponible em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/382/3821582003/html/index.html>. Acceso em: 04 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La compasión ante el dolor en la decolonialidad planetaria-complejidad, ¿qué tan ajeno es? **RELACult Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**, Paraná, v.8, n.3, p.1-20, 2023. DOI:10.23899/relacult.v8i3.2311. Disponible em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2311>. Acceso em: 04 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La decolonialidad planetaria apodíctica de la teoría de la transcomplejidad. **RECIPEB: Revista Científico – Pedagógica do Bié**. Angola, v. 1, n. 1, p. 43 -57, 2021. Disponible em: <http://recipeb.espbie.ao/ojs/index.php/recipeb/article/view/41>. Acceso em: 11 nov. 2022.

RODRÍGUEZ, M. E. Re-ligar como práctica emergente del pensamiento filosófico transmoderno. **Revista Orinoco Pensamiento y Praxis**, Ciudad Bolívar, v. 7, n. 11, p. 13-35, 2019b. DOI: 10.5281/zenodo.3709212. Disponível em: <https://zenodo.org/record/3709212>. Acesso em: 04 abr. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Taras como sátiras en la interpretación de la decolonialidad. **Revista nuestraAmérica**, Santiago de Chile, n. 20, e6907459, p. 1-14, 2022a. DOI: 10.5281/zenodo.6907459. Disponível em: <https://nuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/e6907459>. Acesso em: 11 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. **Resistencia Freiriana**: dialogo subversivo Venezuela - Brasil contra el fascismo. Itapetinga: Hipótese, 2022b.

RODRÍGUEZ, M. E.; MIRABAL, M. Ecosofia-antropoética: una re-civilización de la humanidad. **Telos**, Maracaibo, v. 22, n. 2, p. 295-309, 2020. DOI: 10.36390/telos222.04. Disponível em: <http://ojs.urbe.edu/index.php/telos/article/view/3312>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SANTOS, B. **Una epistemología del Sur**. Siglo XXI Editores y CLACSO, 2009.

SANTOS, B. Más allá del pensamiento abismal: de las líneas globales a una ecología de los saberes. In: DE SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. **Epistemologías del Sur (Perspectivas)**. Madrid: Akal, 2014. p. 21-61.

SANTOS, B. **Construyendo las epistemologías del Sur**: para un pensamiento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, B. **Poscolonialismo, descolonialidad y epistemologías del Sur**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coímbra: Centro de Estudos Sociais – CES, 2022.

SLOTTERDIJK, P. **Normas para el parque humano**: Una respuesta a la Carta sobre el humanismo de Heidegger. Traducción de Teresa Rocha Barco. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. **Santa Biblia**. Versión Reina-Valera. Venezuela, 1960.

TAMAYO, J. La compasión en un mundo desigual y en tiempos de pandemia. **Vida y Pensamiento**, Bogotá, v.40, p.81-100, 2020. Disponível em: <https://revistas.ubl.ac.cr/index.php/vyp/article/view/153>. Acesso em: 15 nov. 2022.

VÁSQUEZ ROCCA, A. Peter Sloterdijk: Experimentos con uno mismo, ensayos de intoxicación voluntaria y constitución psico-inmunitaria de la naturaleza. **Revista de Antropología Experimental**, Madrid, n. 13, p.323-340, 2013. DOI: 10.5209/rev_NOMA.2012.v35.n3.42210. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/42210>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CRedit Author Statement (Declaração de Crédito do Autor)

Reconhecimentos: A todos os seres humanos cristãos de coração e de ação.

Financiamento: Sem financiamento, realizado no quadro consciente de um investigador da Universidade de Oriente.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Ser respeitoso com a natureza da vida, pesquisa ética em todos os sentidos.

Disponibilidade de dados e materiais: Disponibilidade total.

Contribuição dos autores: Milagros Elena RODRÍGUEZ é responsável pela pesquisa, análise e redação do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

